

# TRANSTORNO DE CONDUTA NA ESCOLA: COMO CONDUZIR?

Aline Cviatkovski\*  
Francine Cristine Garghetti\*\*

## RESUMO

O artigo trata sobre a experiência do estágio supervisionado escolar do Curso de Psicologia, realizado durante o período de março a outubro de 2015. O estágio ocorreu em uma escola da rede municipal de educação, onde a estagiária realizou, aproximadamente, 16 horas semanais, com o objetivo de conhecer o ambiente e a comunidade escolar, para, posteriormente, intervir nas situações emergentes, de acordo com os direcionamentos da Psicologia Escolar. A prática da Psicologia Escolar, além de realizar intervenções com alunos, pode realizar capacitações e orientações para os colaboradores da instituição. No entanto, neste artigo se trata de um caso específico, de um aluno que precisou ser acompanhado durante o período do estágio em razão de sua agressividade manifesta. Com este aluno, a estagiária realizou orientações, intervenções com os colegas e professores dele, evitando as agressões do determinado aluno para com os outros, diminuindo a vulnerabilidade dos seus colegas. O aluno em questão apresentava-se agressivo e manipulador para com seus colegas e professores. Ao final do estágio, pôde-se perceber que além das intervenções realizadas na escola foi necessário o encaminhamento do aluno para o Centro de Atenção Psicossocial Infantil em razão da gravidade do caso.

Palavras-chave: Estágio escolar. Psicopatologia da infância. Transtorno de conduta. Problemas de comportamento.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo trata sobre a experiência do estágio supervisionado escolar do Curso de Psicologia, realizado durante o período de março a outubro de 2015, em uma escola municipal do Município de Chapecó, SC, com turmas do pré-escolar até o 5º ano do Ensino Fundamental. O trabalho inicial foi de conhecer o ambiente escolar, com seus integrantes, como alunos, professores, pais e demais colaboradores da instituição de ensino, para, posteriormente, intervir nas situações emergentes, conforme os fundamentos e diretrizes da Psicologia Escolar.

Várias intervenções foram realizadas durante o período de estágio, mas neste trabalho é retratada uma das intervenções e ações realizadas pela estagiária com a direção, coordenação e professores da escola. No presente artigo se relata o caso de um aluno da escola que apresentava comportamentos agressivos perante seus colegas e manifestava oposição a alguns professores e colaboradores da instituição. O aluno foi acompanhado desde o início do ano até o término do estágio; ao final foi necessário o encaminhamento do menino para o Centro de Atenção Psicossocial Infantil em razão da gravidade do caso.

## 2 PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL

Por muito tempo, esperou-se do psicólogo escolar a atitude de recolher os “alunos problemas” e corrigir suas falhas fazendo com que eles voltassem para a sala de aula e pudessem desenvolver um aprendizado igual ao da sua turma. No entanto, nos últimos anos começou a ser discutido e visualizado que o problema manifestado pelo aluno não é somente de responsabilidade dele, mas de um contexto familiar que, muitas vezes, não fornece a estrutura ou o estímulo/suporte necessário para a criança, ou ainda, de responsabilidade da organização e dinâmica escolar que privilegia um método de estudo que por vezes exclui aqueles que aprendem de outra forma ou por meio de um processo mais

\* Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; aline\_cvi@hotmail.com

\*\* Mestre em Psicologia pela Universidade, Psicóloga e Professora do Curso de Psicologia na Universidade do Oeste de Santa Catarina; francine\_garghetti@yahoo.com.br

lento. Com o passar do tempo a Psicologia foi conquistando seu espaço dentro da área escolar, fazendo com que a visão de “aluno problema” mudasse, e que todos pudessem compreender que existem diversos fatores que fazem com que a criança não se desenvolva ou não aprenda conforme o esperado.

Segundo Andaló (1984), nos anos 1980 o psicólogo passou a ser um agente de mudança dentro das instituições, naquelas que davam abertura para o profissional. Conseguiu-se diferenciar o trabalho na instituição do atendimento clínico, em que trabalhar com grupo e com todo o contexto social envolvido é importante para o desenvolvimento do indivíduo. A visão de tirar o aluno da sala para concertá-lo diminuiu, fazendo com que o agente de mudanças ganhasse espaço.

A autora comenta, ainda, que é necessário entender o contexto da instituição e da população atendida, considerando-se a situação financeira, social e cultural, e compreendendo também que cada indivíduo possui sua forma de se organizar e perceber o mundo mediante sua subjetividade.

Atualmente, segundo Andrada (2005), os psicólogos escolares tem o intuito de realizar intervenções objetivas, por meio de pesquisas e observações realizadas no local, além de intervenção preventiva, considerando o atendimento não somente de alunos, mas também dos colaboradores da instituição de ensino mediante técnicas de dinâmicas de grupo.

Segundo Patto (1997), o psicólogo escolar vai investigar todo o contexto vivenciado pela criança, e, além dessas investigações, serão realizadas pesquisas importantes sobre o assunto podendo integrá-las às observações, fazendo com que se possa criar um olhar diferenciado, gerando relatórios, laudos e diagnósticos mais precisos de acordo com cada situação.

O psicólogo escolar não trabalha apenas com a resolução de problemas, segundo Martins (2000), ele também pode evitar que um problema aconteça. Atualmente, atuam como facilitadores e trabalham com a prevenção de determinadas situações, como brigas entre colegas, trabalhando a tensão e a diversidade de opiniões, culturas, raças e crenças, fazendo com que as crianças e adolescentes possam compreender que existem diferenças entre si e que isso não é motivo para brigas.

Para Patto (1997), o psicólogo escolar pode, também, atuar como intermediário entre o aluno e a escola, entre a escola e os pais e entre a escola e os sistemas vinculados à educação. Pode realizar atividades com os professores, proporcionando a eles uma visão diferenciada sobre as atividades propostas em aula, fazendo-os repensar sobre suas atuações e sobre a efetividade de seus trabalhos. Todo esse movimento é em prol do desenvolvimento escolar de alunos e melhorias na educação da instituição de ensino.

O psicólogo escolar não terá somente um ambiente de trabalho; Kupfer (2004) comenta que o profissional não ficará o tempo todo em sala de aula, nem nas salas da diretoria e não atuará somente nas horas de intervalo. O psicólogo ficará em todos esses ambientes fazendo ligações entre os momentos vivenciados pelos alunos e pelos professores. Realizará atividades de acordo com a demanda da instituição e de acordo com o norteador teórico seguido pelo profissional, fazendo com que seu trabalho seja dinâmico e assertivo.

De acordo com Curonici e McCulloch (1999), quando os professores pedem ajuda para os psicólogos, isso facilita o trabalho dos profissionais psicólogos, por estarem de acordo com as intervenções e auxiliarem nas formações de grupo, colaborarem com os processos terapêuticos e conseguirem com o psicólogo, perceber as mudanças ocorridas com os alunos.

Muitas vezes, segundo as autoras, os psicólogos são procurados para intervir em grandes grupos para resolver as situações complicadas em sala de aula, principalmente, de comportamento, como alunos agitados, de comportamento opositor ou passivo, comportamentos esses comentados pelos professores.

### 3 BIOECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

A Bioecologia do desenvolvimento humano pode ser definida como “[...] o fenômeno de continuidade de mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos como indivíduos e grupos.” (BRONFENBRENNER, 2011, p. 38). Essas mudanças podem acontecer ao longo da vida dos indivíduos, causando mudanças no decorrer dos anos e perpassam pelas gerações. Sendo reconhecido que o desenvolvimento do ser humano depende não somente de seu biológico, mas do social, da interação em grupos e também do psicológico.

Pode-se dizer que na família, na escola, na sociedade, ou em um grupo de amigos existem mais que duas pessoas interagindo entre si. A criança ao mesmo tempo que é influenciada influencia as pessoas que estão ao seu redor; por exemplo, quando a criança está realizando uma brincadeira desconhecida que aprendeu com seus amigos e professores,

ela está sendo influenciada; agora, se acaso ela cair e chorar, ela vai estar influenciando os demais para realizar ações como ir protegê-la e verificar se aconteceu algo grave (BRONFENBRENNER, 2011).

O autor em suas pesquisas comenta que o que é ensinado é tão importante como a forma que é ensinado. É preciso, para que uma criança aprenda, que ela crie vínculos afetivos com os modelos, sejam pais, professores, sejam outros instrutores, pois quanto mais duradouro e estreito o vínculo, maior será o desenvolvimento da criança. Por isso que se acredita que em todas as situações é preciso manter a convivência para que seja mais efetiva a troca, tanto em sessões terapêuticas quanto em sala de aula, ou em casa com a família. A criança cria um vínculo maior com as pessoas que permanecem maior tempo com elas e que oferecem a elas mais atenção.

#### 4 TRANSTORNO DE CONDUTA

Segundo a Classificação Internacional das Doenças (CID-10) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2007), o indivíduo com transtorno de conduta apresenta altos índices de agressões com as pessoas que convivem com ele, grande irritabilidade, crueldade, tirania, sendo esses comportamentos repetidos por mais de seis meses. Esses sintomas, quando não acompanhados por um profissional, poderão aumentar ocasionando, então, um possível transtorno de personalidade antissocial, em razão da falta de intervenções perante os comportamentos do indivíduo.

Ornelas e Oliveira (2009) comentam que os sintomas do transtorno de conduta podem iniciar na infância, se agravar no início da adolescência e permanecer na vida adulta de acordo com os comportamentos realizados pelo indivíduo. Algumas condições em que o indivíduo está exposto podem contribuir para que ele mantenha os comportamentos negativos.

Segundo Bordin e Offord (2000), a diferença entre o transtorno de conduta e o transtorno de personalidade antissocial é que o primeiro pode ser diagnosticado na infância e na adolescência, já o segundo somente poderá ser diagnosticado após os 18 anos de idade. Os dois possuem características parecidas, sendo que são maldade para com os outros, como agressão física, verbal, roubos, humilhação, entre outros atos que agridem, de alguma forma, as pessoas ao seu redor. Outra característica é que não sentem empatia para com o outro e não visualizam as consequências negativas que podem acontecer perante um ato errado.

Algumas condições à que a criança com transtorno de conduta é exposta podem aumentar os comportamentos negativos apresentados. Segundo Ornelas e Oliveira (2009), os cuidados inadequados oferecidos pelos pais ou responsáveis, falta de limites, pais agressivos, agressões e brigas conjugais podem ser fatores que aumentam os comportamentos agressivos de uma criança com transtorno de conduta.

Bordin e Offord (2000) também comentam que existem vários fatores que podem influenciar um indivíduo a manter comportamento de transtorno de conduta ou transtorno de personalidade antissocial, como fatores ambientais, constitucionais, familiares, em que a condição financeira influencia, além da estrutura familiar organizada pelos pais ou responsáveis.

Para que a criança possa controlar os impulsos negativos como agressões, mentiras, roubos, Orleans e Oliveira (2009) ponderam que é necessário que aconteça uma ligação entre família, escola e intervenções psicológicas. É importante manter uma boa relação entre essas instituições; o objetivo maior é o bem da criança, fazendo com que ela possa compreender regras, limites e orientações.

#### 5 A PRÁTICA DO ESTÁGIO

No início do estágio, pôde-se conhecer a escola e os colaboradores; durante os primeiros dias buscou-se o histórico da escola e entender seu funcionamento, ficando-se disponível para os primeiros acolhimentos das queixas trazidas pelos professores. Em um segundo momento, pôde-se acompanhar as aulas das turmas do ensino fundamental e, em seguida, pensar em atividades/intervenções que pudessem ser realizadas de acordo com a idade e com a necessidade das turmas e das crianças.

Entre as atividades realizadas durante 2015, foram observação da dinâmica escolar e das aulas, técnica do desenho da família, técnica do desenho da escola, técnicas de dinâmicas de grupos, trabalhos com massa de modelar, dinâmicas com o baralho das emoções com as crianças, além de capacitações com os professores e colaboradores da

escola. Realizaram-se também, acolhimentos com professores, participações em Conselhos de Classe, participação em reuniões com professores e pais de alunos, técnicas de dinâmica de grupo em reuniões e planejamentos dos professores. Além de todas as atividades citadas, foi realizado o acompanhamento do aluno do 3º ano, neste artigo relatado.

## 6 PROBLEMAS DE CONDUTA NA REALIDADE ESCOLAR

A estagiária de Psicologia foi chamada pela equipe de orientação pedagógica da escola para auxiliar no caso do aluno do 3º ano que apresentava comportamento agressivo para com seus colegas. Desde 2014 foram rotineiros os registros realizados pela escola, para permitir um trabalho com os pais no intuito de reduzir e controlar os comportamentos apresentados pelo aluno. Para melhor ilustrar o caso, serão relatadas algumas das situações registradas pela escola que envolveram o aluno em questão.

Em 2014 as ocorrências foram, principalmente, quanto à oposição do aluno perante as atividades propostas pelos professores, como, por exemplo, a professora de uma disciplina específica procurou a gestão para comentar que o aluno já estava há três aulas se recusando a fazer as atividades. O coordenador, então, encaminhou um bilhete para casa, convidando os pais para uma reunião com a professoras em questão. Na mesma semana o aluno agrediu uma colega com chutes, e a avó procurou a direção da escola para entender o que estava acontecendo.

Em março de 2014 foi realizada a primeira reunião com os pais, na qual foi comentado sobre sua impulsividade e recusa a realizar as atividades, apesar de já estar em processo de alfabetização e com potencial para aprender. No momento foi comentado com os pais a possibilidade de reencaminhá-lo para um Serviço de Apoio à Dificuldade de Aprendizagem, do qual já havia participado e sido desligado por faltas. A mãe manifestou estar cansada de ouvir as mesmas coisas sobre seu filho. Por fim, foi comentado que a escola e a família precisavam “andar juntas” para um trabalho mais efetivo.

Após 10 dias da reunião com os pais, o aluno foi encaminhado para a secretaria da escola no horário do meio dia, pois participava de um programa de reforço escolar durante o contraturno, e foi registrada uma intercorrência: ficou deslizando na comida que havia caído no chão, mesmo diante dos apelos insistentes da servente da escola para que parasse. Além desse episódio, também ocorreram novas agressões físicas aos colegas, como socos, chutes, além de ameaça às monitoras do programa.

Em setembro, o aluno foi encaminhado para a referida secretaria, pois havia trazido para a escola revista, figurinhas e um celular, alegando que as professoras não mandam nele e que a mãe havia o orientado a trazer. Quando a gestora ligou para a mãe pedindo que viesse conversar, o aluno exaltou-se e passou a chutar o balcão da secretaria. O coordenador conversou com o aluno e o encaminhou novamente para a sala de aula. Segundo as professoras, já fazia alguns dias que o aluno estava brigando com os colegas, trazendo materiais inadequados e também falando palavrões aos professores.

Enquanto estava no programa de reforço escolar, jogava comida no prato dos outros, no chão, gritava, empurrava e fazia gestos obscenos. Além de tais atitudes chamava uma colega de “fedida”, praticando *bullying* diariamente. Quando questionado chorava, mas não pedia desculpas e comentava que a mãe não dava carinho para ele e que somente batia nele. Depois de relatadas todas as situações, a mãe comentou que levava o filho para jogos de futebol, que fazia com ele as atividades de casa, mas mesmo com os amigos da vizinhança causava tumulto e acabava brigando.

Já em 2015, período em que a estagiária já estava na escola, o aluno continuou com os mesmos movimentos de agressão, oposição e manipulação, agredindo verbalmente e fisicamente os colegas. Desde então a estagiária passou a acompanhar o caso e a realizar as intervenções nas situações descritas a seguir.

Nesse ano a mãe engravidou, e o nascimento estava previsto para julho; então, passou-se a trabalhar com a ideia de convivência com um irmão mais novo. No entanto, o aluno passou a se comportar com ainda mais agressividade para atrair a atenção dos pais e professores.

Nas reuniões de professores todos relatavam que quando ele não estava presente nas aulas, o conteúdo era aprendido com maior facilidade. Grande parte da turma já tinha sido agredida, tanto com agressões físicas quanto verbais, sendo que os colegas chegaram a não querer mais voltar para a escola. Além de ofender os colegas ele também direcionava adjetivos ofensivos para as professoras em meio a outras pessoas. Quando questionado, não se defendia, apenas chorava, não pedindo desculpas para os colegas e professores. Em algumas vezes, ele negava determinada ação, mesmo ela tendo sido presenciada por várias pessoas.

Em uma aula, a professora pediu para que os alunos realizassem uma atividade de desenho livre e que poderiam desenhar o que gostariam. O aluno, por sua vez, desenhou um bebê, pintou metade na cor preta e metade na cor vermelha. Quando questionado pela professora, comentou que era seu irmãozinho; então, a professora pediu o porquê da metade vermelha, e ele comentou que era porque ele havia esfaqueado o irmão.

Em agosto, durante o horário de intervalo, dois colegas foram agredidos pelo aluno com socos e chutes na barriga. O aluno foi chamado para uma conversa, mas mais uma vez ele negou o fato. No dia seguinte, os pais de um dos colegas vieram para uma conversa com a direção, questionando sobre o acontecido no dia anterior e estavam dispostos a realizar um boletim de ocorrência em razão da gravidade do fato. Nesse dia, ficou combinado que o pai do aluno viria no outro dia para conversar com os pais dos colegas agredidos. Nesse mesmo dia, na fila para entrar na sala, o aluno desferiu um soco no rosto de um outro colega e alegou que foi em decorrência de um esbarrão. No outro dia, além dos pais dos colegas agredidos, também veio para a escola a mãe do menino que levou o soco.

Na reunião realizada, foi comentado sobre as agressões e também sobre a necessidade de a gestão escolar e os professores se aliarem às famílias para ter maior efetividade diante do caso. Os pais dos alunos agredidos comentaram que não iriam mais aceitar agressões em seus filhos; o pai do aluno agressor comprometeu-se em conversar com seu filho.

No entanto, nos dias seguintes as agressões continuaram; o aluno desferiu um chute em um aluno da pré-escola. No mesmo dia, na aula de educação física, chutou as costas de uma aluna, e a professora pediu para que ele sentasse para se acalmar. As mães dos alunos que sofreram as agressões foram até a escola para pedir providências, pois seus filhos não queriam mais ir à escola, pois sentiam medo e receio do colega. Os alunos comentaram que, quando o aluno não está em sala, a aula é mais tranquila.

Ainda no mês de agosto, o aluno chegou à escola com um celular, dizendo que estava vendendo pelo valor de R\$ 4,00. A gestora visualizou a cena e guardou o celular na secretaria; o pai foi informado da situação e compareceu à escola para retirar o celular. Também derrubou um colega e bateu a cabeça dele contra o chão. Após o episódio, foi retirado da sala e encaminhado para conversa com a estagiária. Quando questionado sobre o que havia feito, negava toda a situação. Ao ser confrontado falou que o colega era um bebê chorão, depois falou que estava apenas brincando e que não queria machucar o amigo. Ao ser chamado o colega para ele se desculpar, começou a chorar dizendo que não tinha culpa e se recusou a pedir desculpas para ele.

Nesse dia, a estagiária de Psicologia conversou bastante com o aluno sobre suas atitudes e as consequências destas. Então, o aluno chorou, falou que apanhava da mãe sem motivos e que sentia muita raiva disso. Depois dessa conversa, ele diminuiu suas agressões por alguns dias, mas depois voltou ao comportamento rotineiro.

Em setembro, nova reunião foi realizada na escola com os pais, a gestora, a coordenadora e a estagiária de Psicologia. Foram novamente expostos os comportamentos do aluno, quando então, a mãe comentou que as professoras estavam agindo errado ao conversarem com o filho e falou que elas deveriam bater nele. A mãe comentou, ainda, que a escola visualiza problemas apenas no filho dela, demonstrando dificuldade de aceitação da situação. A estagiária realizou algumas intervenções nesse sentido, mas percebeu pouca alteração da postura da mãe.

Diante dos relatos citados, percebe-se que tal comportamento de agressões tanto verbais quanto físicas aos colegas, negação das responsabilidades, manipulação das situações em seu benefício, argumentação acima do esperado para a faixa etária apontam para um transtorno comportamental grave, conforme a Classificação Internacional das Doenças (CID-10) (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2007), quadro de Transtorno de Conduta. Percebe-se que apresenta um domínio sobre os colegas, influencia a turma de forma negativa, incentiva e obriga os colegas a fazerem algo que, na verdade, não deveriam fazer, como segurar um colega para ele bater. No entanto, quando em situações em que sabe que está sendo observado, mantém-se agindo de forma pacífica com seus colegas. Percebe-se, ainda, dificuldade dos pais, principalmente da mãe, em visualizar a gravidade das situações e intervir de forma efetiva.

Para finalizar, pode-se dizer que a escola se mostrou preocupada com os comportamentos do aluno e com a segurança dos colegas; no entanto, em muitos momentos, percebeu-se dúvida e incerteza nas ações e decisões tomadas. Diante do aumento dos comportamentos agressivos do aluno, a escola acordou com a estagiária de Psicologia e com os pais do aluno um encaminhamento para a rede de saúde, no mês de julho, com o objetivo de um suporte maior no manejo dos comportamentos. A estagiária, então, realizou o encaminhamento para o Centro de Atenção Psicossocial Infantil, no qual o aluno permanece em atendimento no contraturno.

Como se pode perceber, a prática da Psicologia Escolar tem significativa contribuição no contexto escolar, especialmente em casos como o relatado, em que são necessários vários manejos de relações interpessoais entre alunos, escola e pais. No caso relatado, foram necessários vários momentos de conversa durante todo o acompanhamento, diversas intervenções, e, também, foi necessário momento para realizar os encaminhamentos necessários.

## 7 CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento do estágio, pôde-se experienciar a atuação psicológica no contexto escolar e verificar as possíveis contribuições que a área pode oferecer ao processo de ensino-aprendizagem, bem como à melhora da comunicação e das relações interpessoais. Pode-se organizar grupos, fazendo com que os alunos possam expressar seus sentimentos em relação à escola, colegas, família, entre outros. A área de atuação dentro da escola é ampla, abrangendo as dificuldades de aprendizagem, familiares, relacionais e institucionais.

Em relação ao caso acompanhado e relatado neste artigo, pode-se perceber que na prática existem muitos casos semelhantes, os quais ficam sem o acompanhamento adequado. Acredita-se que a presença do psicólogo no ambiente escolar garantirá a adequação desses acompanhamentos e a realização dos encaminhamentos necessários. A estagiária pôde colaborar com a instituição escolar e no caso relatado; no entanto, sabe-se que é uma situação pontual e provisória, e que há a necessidade da presença do profissional psicólogo.

Com a conclusão do estágio, pode-se afirmar que foi um momento produtivo e de muita aprendizagem, que permitiu a prática das mais diversas intervenções. A efetivação do estágio garante ao acadêmico a vivência e o enriquecimento de sua formação, ao passo que ele se depara com situações reais, que o farão buscar soluções, permitindo crescimento acadêmico e profissional.

### *Conduct disorder in school: how should it be handled?*

#### *Abstract*

*The article is about the experience in the supervised practice of the Course of Psychology, conducted during the period from March to October 2015. The practice was in a municipal school where the trainee performed, approximately, 16 hours weekly, with the objective to know the environment and the school community, to, later, intervene in emergent situations, according to the directions of the School Psychology. The practice of School Psychology, besides performing interventions with students, can perform training and guidelines for the employees of the institution. However, this article is about a specific case, of a student who had to be accompanied during the practice period due to his aggression manifested. With this student, the trainee conducted orientations, interventions with his colleagues and teachers, avoiding the attacks of the particular student to the others, reducing the vulnerability of his colleagues. The student in question had become aggressive and manipulative to their classmates and teachers. At the end of practice, it was possible to notice that, in addition to the interventions in school, it was required the student's referral to the Children's Psychosocial Care Center, because of the seriousness of the case. Keywords: School stage. Childhood psychopathology. Conduct disorder. Behavior problems.*

## REFERÊNCIAS

- ANDALÓ, Carmem Silvia de Arruda. O papel do psicólogo escolar. **Rev. Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, 1984. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v4n1/09.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.
- ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Rev. Psicologia: Reflexão e crítica**, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27470.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.
- BORDIN, Isabel, A. S.; OFFORD, David, R. Transtorno da conduta e comportamento antissocial. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, 2000.
- BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURONICI, Chiara; MCCULLOCH, Patricia. **Psicólogos e professores: um ponto de vista sistêmico sobre as dificuldades escolares**. Bauru: EDUSC, 1999.

KUPFER, Maria Cristina Machado. O que toca à psicologia escolar. In: MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA, Marilene Proença Rebello de (Org.). **Psicologia escolar: em busca de novos rumos**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MARTINS, João Batista. A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. **Psicol. estud.**, v. 8, n. 2, p. 39-45, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722003000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 maio 2015.

MARTINS, João Batista. **Abordagem multirreferencial: contribuições epistemológicas e metodológicas para o estudo dos fenômenos educativos**. 2000. Tese (Doutorado)–Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10**. 10. ed. rev. São Paulo: Ed. USP, 2007.

ORNELAS, Michelle Marques Teixeira; OLIVEIRA, Sergio de Freitas. **Transtorno de conduta**. Poços de Caldas, 2009.

PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

